“SEMPRE QUE VOCÊ SE DESAFIA, deve tentar ao máximo. Caso contrário, nunca descobrirá do que é realmente capaz.”

Palavras sábias de um professor do ensino fundamental cujo nome eu não conseguia lembrar direito. Só gostaria que alguém tivesse me dito isso um pouco antes. No ensino fundamental, todos os traços da minha antiga personalidade haviam desaparecido. Eu era como uma pedra cuidadosamente polida, fluindo pelo rio do tempo. Dito de forma gentil, você poderia dizer que eu estava livre de todas as restrições. Por outro lado, em uma perspectiva menos generosa, não havia nada me mantendo com os pés no chão.

Esse era o tipo de garota que eu me tornei.

Não houve nenhum evento grandioso que causou isso. Após minha transição do ensino fundamental para o médio, muitas pessoas ao meu redor simplesmente começaram a ser muito *específicas* sobre a maneira como tratavam os outros. Quanto a mim, eu apenas me adaptei a essa mudança.

A bondade se aproximava do coração batendo na porta da frente, enquanto a malícia entrava sorrateira pelas janelas. E quando você é inocente e confiante, geralmente deixa essas janelas bem abertas. Mas quando é sua própria ingenuidade que piora tudo, ninguém sente pena de você e ninguém vem para te salvar.

Felizmente, consegui perceber essas coisas antes que alguém pudesse me machucar. Então, peguei meu martelo e pregos e fechei cada uma dessas aberturas. Dessa forma, nenhuma malícia poderia entrar… e eu nunca poderia sair.

Admito que, ao fechar a porta, pareci perder minha capacidade de expressar interesse em qualquer coisa, mas, ao mesmo tempo, também nunca precisei gastar energia me importando com algo. Era mais fácil simplesmente existir no fundo, sem chamar atenção. Eu não via isso como algo bom ou ruim — era apenas o jeito como o mundo era, como o calor do verão e o frio do inverno.

Nesse sentido, eu ainda era a mesma garotinha ingênua que captava as coisas por suas aparências mais externas. Por isso, nunca questionei a mim mesma. Em vez disso, acreditava que seria sempre assim… e, até agora, ainda estava esperando que alguém provasse que eu estava errada.

***

Eu estava acomodada. Não importava quem eu conhecesse, ou o quão grave fosse minha falha, ou o quão distantes meus sonhos parecessem estar, não parecia certo me apegar a essas coisas. Enquanto eu desviasse o olhar, a dor e o arrependimento acabariam desaparecendo, e eu poderia voltar ao meu eu de sempre. Era assim que sempre funcionava para mim no passado.

Mas, depois que conheci a Shimamura, eu não conseguia mais desviar o olhar. Não podia mais me dar ao luxo de ficar acomodada. Não havia um refúgio seguro onde eu pudesse parar e montar acampamento, então, em vez disso, eu tinha que ficar alerta o tempo todo. Parecia que eu estava nadando contra a correnteza… mas conseguia ver algo lindo lá na frente.

Então, no espírito da pura espontaneidade, eu a convidei para sair.

“Sair? Não, não vai rolar!” Shimamura acenou com a mão de forma dismissiva, puxando o tapete debaixo de mim. Então, enquanto eu lutava para me recuperar, ela explicou: “Olha, minha família sempre passa o Festival Bon na casa dos meus avós.”

Era uma explicação perfeitamente sensata, e eu me senti levemente aliviada ao descobrir que ela não estava me rejeitando especificamente. Como alguém com poucas conexões familiares, eu havia esquecido que a maioria das pessoas geralmente passava essa época do ano com seus parentes.

“Ah.”

Eu deveria ter ligado antes, mas… depois daquela discussão que tivemos um tempo atrás, ligações telefônicas estavam meio assustadoras para mim agora. Além disso, parte de mim ficava satisfeita só de ver o rosto dela pessoalmente. *Aff, eu sou tão fácil de contentar.*

“E, por acaso, hoje é o dia que partimos.”

“Ah, sim. Quero dizer, é o Festival Bon e tal.”

Essa foi a melhor resposta que consegui pensar, e ainda assim saiu sem sentido e vazia. Totalmente fora de contexto, Shimamura estava usando uma camiseta coberta de ovos de desenho animado, ou melhor, criaturas bizarras saindo de ovos de galinha rachados. Onde ela arrumou uma camiseta dessas? Porque eu tinha certeza de que não vendiam isso na Shimamura Company.

“Quanto tempo você vai ficar fora?” perguntei, enxugando minhas mãos suadas.

“Quatro dias e três noites, minha senhora,” ela respondeu, gesticulando com a palma da mão para cima, quase como se fosse uma mordoma.

“E-então… posso voltar daqui a quatro dias?” murmurei timidamente, espiando a expressão dela.

"Tudo bem, pode ser", ela assentiu. Enquanto falava, olhava fixamente para meu rosto. Então pareceu perceber algo e acrescentou: "Hmm... Te ligo quando chegar em casa?"

"Ficarei esperando."

Para falar a verdade, eu daria qualquer coisa para passar aqueles quatro dias acampada no quarto dela.

Naquele momento, notei que ela examinava meu pescoço e testa. Fiquei paralisada e olhei de volta confusa. Então ela desceu pelo corredor. Perplexa, esperei ansiosamente até ela retornar alguns segundos depois com uma garrafa de água mineral e um picolé.

"Já que você veio até aqui, considere isso seu... hmm... Seria rude chamar de prêmio de consolação?" Ela inclinou a cabeça. "Seu 'prêmio de volta depois'? Não soa muito bem... Seu 'pico-té depois'? Ai, agora não faz sentido nenhum..."

De repente, ela estava analisando demais a situação. Normalmente, ela nunca se importava com nada, então era muito estranho encontrar algo com que ela realmente se importasse. Mas, de certo modo, era esse lado enigmático dela que me atraía.

"Ah, acho que não faz diferença. Aqui está."

Com um sorriso, ela jogou todo o seu raciocínio no lixo e me entregou meus, hm, *prêmios*. Instantaneamente, meus olhos arderam. Eu sempre reagia de forma dramática às menores coisas, enigmáticas ou não... Para falar de forma direta, eu era atraída por *tudo* na Shimamura.

Antes que ela pudesse questionar por que eu estava tão encantada, passei rapidamente a mão pelo rosto para me recompor e então peguei a água e o picolé. Ambos estavam frios ao toque, acalmando o suor nas minhas mãos.

"Não aperte muito forte ou vai derreter", ela me advertiu, e eu fiquei tão nervosa que quase deixei o picolé cair. Felizmente, consegui segurá-lo — firme, mas sem apertar demais. Levantei o picolé e a garrafa d'água até a altura dos olhos.

"Obrigada."

"Ah, sem problema!" Ela acenou de forma displicente.

Então, os pais dela apareceram, e eu fiz uma reverência educada antes de sair apressada da casa deles. No instante em que pisei lá fora, porém, a realidade desabou sobre mim, e o calor reconfortante da presença de Shimamura foi substituído pelo calor intenso do sol. Mas o gesto gentil dela permanecia firme em minhas mãos, agradável e frio.

Levantei a garrafa e olhei para o céu através da lente da água mineral. Então, me lembrei do segundo andar do ginásio. Foi ali que tudo começou — onde essa minha nova versão nasceu. Não que eu fosse particularmente apegada à versão antiga; aliás, nem sequer conseguia lembrar como eu era ontem. Tudo o que importava era que a versão de hoje de mim — e a de amanhã, e a do dia seguinte — ansiava pela Shimamura.

Então, torci a tampa e comecei a beber — não para apagar as memórias antigas, mas para nutrir essa pequena muda.

Gole após gole, engoli a cachoeira.

***

Enquanto a observava partir, me ocorreu que Adachi provavelmente não tinha nenhuma tradição familiar relacionada ao Festival Bon. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ela era mais uma garota da cidade, cercada por aço sólido por todos os lados. Limpa e fria, como se nunca tivesse tocado a terra em toda a sua vida. Essa era a impressão que eu tinha dela.

E o lance do aço explica por que ela superaquece tão facilmente, assenti para mim mesma, embora isso não fizesse tanto sentido assim.

"Estamos prestes a sair, então vá se preparar", minha mãe me avisou.

"Tááááá bom..."

Quando voltei para o meu quarto, encontrei Yashiro deitada no meu cobertor, saboreando lentamente um picolé. Se ela pegou do nosso freezer ou trouxe de algum outro lugar, eu não fazia ideia. Por um momento, pensei distraidamente que o cabelo dela parecia ainda mais refrescante do que o sorvete... Então, percebi tarde demais que ela ia pingar tudo no meu bendito cobertor.

Estendi a mão e a agarrei pelo pescoço. Apesar de ser uma total fracote, consegui levantar seu corpo inteiro com um braço só. Ela olhou para mim, agitando os braços e pernas no ar.

"Qual o significado disso, Shimamura-san?"

"Você me prometeu que não ia comer no meu cobertor! Lembra?"

"Não, não lembro."

"Ah, foi minha irmã, então...? Tanto faz. A regra vale pra você também a partir de agora!"

Carreguei-a para longe do meu cobertor em segurança e a coloquei no chão. Ela se aproximou e se apoiou nas minhas pernas; então, me ajoelhei e sentei, e ela

se jogou no meu colo. Ela adorava fazer isso o tempo todo, mas, curiosamente, nunca me fazia sentir calor. Com aquela aparência, parecia uma brisa fresca.

Sorrindo, ela me ofereceu seu picolé já meio comido.

"Quer uma mordida?"

"Nhac." *Sim, eu queria*. Como esperado pela cor, era de morango.

"Hmm, é bom."

"Eu sei, né?" ela respondeu convencida, como se tivesse feito o picolé com as próprias mãos.

Pensando bem, o que eu dei para a Adachi também era de morango. Adachi e Shimamura: Sabor Morango... Ah, acho que não faria muita diferença. Deixando isso de lado, comecei a beliscar as bochechas da Yashiro.

"Hmmm..."

Enquanto amassava e esticava sua pele macia e fofinha, olhei para ela. Provavelmente, era a pessoa menos complicada da minha vida. Não sentia que precisava administrar nosso relacionamento; mesmo se eu cometesse algum erro, não me preocupava em causar um grande estrago. Para o bem ou para o mal, ela não levava as coisas muito a sério. Provavelmente era por isso que as pessoas achavam que éramos parecidas: ela estava sempre sorridente e despreocupada, mas sem muita profundidade nisso, como se só estivesse experimentando para ver o que acontecia.

Dito isso, essa atitude relaxada provavelmente não fazia parte de um teatro.

"Aihheeb!"

Ela estava tentando dizer alguma coisa, mas eu não fazia ideia do quê. *Caramba, como ela é elástica. Será que tem ossos aqui?* Eu praticamente conseguia sentir o frio do sorvete através da pele dela.

"Quê?! Yachi, quando foi que você chegou?!"

"Olá, Pequena."

Minha irmã mais nova entrou no quarto, e dava para ver que estava suando. Não era surpresa, já que ela tinha acabado de levar o aquário para a casa ao lado. Minha irmã era uma grande amante dos animais, e sempre que fazíamos viagens longas, pedia para a vizinha alimentar seus peixes. *Além disso, agora ela tinha um novo "bichinho de estimação" para cuidar*, pensei, enquanto

beliscava uma mecha do cabelo de Yashiro. Era tão brilhante e macio que provavelmente dava para fazer laços com ele.

"Quer um pouco?" Yashiro perguntou, oferecendo o sorvete para minha irmã. Ela deu uma mordidinha na beirada e, em seguida, olhou para mim.

"Ah, sim, o papai disse que a gente vai sair daqui a pouco."

"Ah, beleza. Já vou."

Empurrei Yashiro para longe — "Ooooh, nãoooo!" — e peguei a mala que já tinha preparado. Se estivéssemos viajando para o exterior, como a Hino, essa coisa provavelmente estaria explodindo de tanta coisa. Mas, como só íamos para a casa dos nossos avós, não precisava levar muito.

Depois de checar se tínhamos tudo, minha irmã e eu fomos até a porta de entrada. Nossos pais já estavam do lado de fora, esperando.

"Andem logo, suas pirralhas!" minha mãe gritou, parecendo uma delinquente de bairro. Mas isso era algo totalmente normal, então simplesmente ignorei e calcei os sapatos.

Muito bem... "Hora de todos sairmos. Se é que vocês me entendem..."

Viramos para olhar Yashiro, que continuava inocentemente lambendo seu sorvete. Ela nos ignorou e seguiu lambendo.

"Ah, oie?" perguntei, impaciente. Ela se arrastou até nós em um ritmo preguiçoso.

"Sim? Como posso ajudar?"

"Não se faça de boba, mocinha!"

Só então ela percebeu que toda a família Shimamura estava prestes a partir. Quando seus olhos azul-claros se arregalaram, pareciam dois pequenos globos.

"Vocês vão sair juntos?"

"*Receio* que sim," minha irmã respondeu, imitando o tom característico da Yashiro. Eu assenti em concordância. *Vá embora, menina.*

"Ah, entendi."

Aparentemente, ela realmente não tinha percebido até aquele momento. Seria de se esperar que ela tivesse notado nossa família inteira se apressando pela casa, mas acho que nem isso.

"Não se preocupem. Eu protegerei este humilde lar em sua ausência," ela declarou, estufando o peito e erguendo o nariz com orgulho.

Obviamente, ela chegou à conclusão completamente errada. *Nem pensar, pirralha.* Sem outra escolha, tive que escoltá-la fisicamente para fora da casa.

"Por quê?!"

"Eu sei que é fácil esquecer, mas você não mora aqui de verdade!"

Para nós, Yashiro era, no máximo, um bichinho de estimação. Não que eu esperasse que ela fizesse algo além de ficar deitada e dormindo, mas, mesmo assim, nenhuma pessoa em sã consciência deixaria essa criança tomar conta da casa enquanto estivéssemos fora. Ela teve sorte de não ser deixada na casa da vizinha junto com os peixes.

"Seja uma boa menina e eu trago uma lembrancinha pra você," minha irmã disse, em um tom materno.

"Eu sou sempre uma boa menina, pra constar!" Yashiro resmungou, estranhamente ofendida.

Tem certeza que quer fazer essa promessa? Você sabe que nem loja de conveniência tem lá, né? Nem semáforos. Nem carros. Nem gente... Meu Deus, o que é que tem lá?

"....."

A resposta: um velho amigo que eu conhecia há dez anos. Quando foi a última vez que meu coração se encheu de pura e genuína alegria ao vê-lo? Hoje em dia, essa alegria vinha misturada com uma tristeza na mesma medida, cobrindo meu coração com pequenas pedras frias e duras.

"Esperarei pelo minha lembrancinha!"

"Voltem logo!"

Enquanto Yashiro acenava para nós, entramos no carro. Para falar a verdade, era meio surreal. Mas assim que prendi o cinto de segurança, senti meu celular vibrar. Era uma mensagem da Adachi. Curiosa, decidi verificar.

"O quê...?"

O corpo da mensagem continha apenas um único emoji de coração. Será que ela enviou por engano? Não, isso não fazia sentido. O coração era vermelho vivo,

como um morango... O que quer que significasse, provavelmente era mais do que um simples "boa viagem".

"Bom..."

Aceitar não faria mal, certo? Então enviei um coração de volta. Depois, me recostei no banco e me preparei para aproveitar a longa viagem de carro.

Como uma pálpebra gigante, o sol de verão me cegou.

~Pensamento de Hoje da Adachi~

Fiquei debatendo se deveria adicionar um emoji de coração no final da minha mensagem. Coloquei um só para ver como ficava — *Argh, é tão óbvio! Ela vai perceber na hora!*

Mas quando tentei deletar, acabei apagando a mensagem inteira por acidente... e enviei só o coração sozinho!